

EDITORIAL

Porto Alegre é demais

A Capital dos gaúchos completou 238 anos neste último 26 de março. O porto que viu nascer sua cidade marca a trajetória de uma população que cresce a cada ano e recebe a todos com alegria. É a Porto Alegre do gaúcho que não esquece suas tradições, dos finais de semana no parque, da vida agitada e do orgulho de sua multiplicidade de árvores. Da diversidade de etnias e muito mais. É a cidade que marca presença no cotidiano de um povo que é centrado e sabe onde quer chegar. Viva Porto

Alegre e apaixonado-se por sua cultura, pelo mapa de sua cidade, pelo desenho de sua geografia e, principalmente, pelas pessoas. Quem vem de vez em quando, expressa a vontade de ficar. Quem viveu a vida, aqui deseja terminar e com a benção do poeta que diz: faz com que o teu ar, pareça mais um olhar, suave mistério amoroso, cidade de meu andar. Parabéns Porto Alegre e para todos nós que nos orgulhamos deste pedaço do mundo.

Paulo Ricardo Tomasini, Editor-chefe.

ARTIGO

Mulheres contemporâneas ousam e fazem a diferença

Por Erica Brandt

Em todas as idades, ao observarmos as mulheres em seus olhos, veremos o mistério que reservam em seu mundo interior. São olhares que revelam as alegrias, as tristezas, os medos, o êxtase e tantos outros sentimentos vividos na trajetória pessoal.

E eis ela que foi e é musa inspiradora de tantos poemas, cantada em verso e prosa, também foi conquistando seu espaço e um número crescente vem aprendendo a compor sua própria melodia, a escrever sua própria história. Além de tomar ciência de seus direitos, inclusive com relação ao planejamento familiar, o acesso das mulheres ao conhecimento contribuiu para o reconhecimento de seu valor, conquistando seu lugar em todas as áreas profissionais.

Exuberante diante de sua própria capacidade em distribuir seu tempo em vários papéis, outrora restritos ao lar, sabe como ninguém acolher o outro quando a dor bate no peito do parceiro, filho, familiar, amigo, desconhecido. É o tempo da gentileza revelando que o poder feminino está conquistando seu espaço nas relações.

Toda essa conquista diária começou no século XIX, com a expansão da Revolução Industrial que passou a contratar mulheres nas fábricas têxteis, em péssimas condições de trabalho. Enquanto de um lado a mulher vivia a exploração da mão de obra, de outro, ela era exigida a cuidar da imagem de "fruto proibido e sedutor".

Ela que usou duros espartilhos apertando o ventre, levantando e realçando os seios e colocando os quadris para trás com o intuito de atender às expectativas masculinas sobre a mulher ideal, continua a ser exigida nos dias atuais com todas as suas formas perfeitas para ser atraente, para ser a escolhida.

Será que a jovem contemporânea sabe a profundidade que é ser mulher? São tantos os casos de distúrbios alimentares e de exigência de cirurgias estéticas que é importante refletirmos sobre essa questão. O ideal seria que o diálogo se fortalecesse nas famílias, possibilitando que mulheres de todas as idades se encontrem, questionem as crenças que ainda determinam seus comportamentos e compartilhem suas vivências.

Vivemos as consequências de uma educação que desenvolveu na mulher uma falta de confiança em si mesma, um medo com relação ao futuro, focando seus limites em vez de sua grandeza, portanto é imprescindível favorecer às mulheres espaços que possibilitem a descoberta de quem realmente é, que a auxiliem a ousar ser ela mesma, amando-se, respeitando-se, livre dos medos, das culpas e manipulações que as enredam em situações de menos-valia.

Conquistar nossa independência não deve excluir a importância da consciência de amor que é inerente à nossa essência. Saber discernir o que é um ato de amor e o que é um ato de submissão. Por muitos anos, ouvimos histórias de princesas frágeis e heroínas, contos que estão presentes no desenrolar dos capítulos de nossa vida e se revelam nas relações que constituímos. Sair do papel de vítima e de salvadora requer consciência da história pessoal construída, pois quando não conhecemos como funcionamos, a história se repete. Conscientes, alcançamos maior equilíbrio nas relações, discernindo o espaço do outro em nossa vida sem nos excluirmos. Isso significa ir além do sonho de princesa e assumir uma posição de imperatriz no livro de nossa própria vida.

É importante ressaltar que todos os dias podemos dar um passo pelo melhor da mulher, seja pela valorização da generosidade do coração, da força de caráter que ela revela na superação dos obstáculos, seja por ressaltar a sua facilidade de adaptação diante das possibilidades que surgem ao ouvir e verbalizar seus questionamentos. A flexibilidade da mulher possibilita a aceitação das mudanças necessárias em direção ao seu objetivo e, somado à sua capacidade de reinventar seu jeito de ser e viver, favorece o alcance de um estilo de vida com maior realização e qualidade.

Mulheres que sabem quem realmente são não se prendem ao que não tem ressonância com sua essência. Escutam o corpo que sempre as alerta quando algo não vai bem e buscam auxílio para os desconfortos. Enxergam além dos fatos concretos e, sensíveis e firmes, são as que sabem abrir as mãos e, de mãos dadas, caminham juntas, fortalecendo o poder interior na ação que não exclui, e sim acolhe; são as que sabem silenciar os julgamentos e ouvir com o coração sábio. São elas as que celebram com alegria os nascimentos e com tristeza a dor diante das partidas dos mais íntimos até dos desconhecidos que partem nas tragédias mundiais. Unindo conhecimento e intuição, as mulheres confiam em um poder maior e, corajosas, enfrentam o desafio com o olhar no infinito, nutridas pela fé e esperança.

(*) Psicóloga e Terapeuta

DEBATE

Corrupção: Gênese e Combate

Por Vicente Bogo



O comportamento humano surpreende continuamente. Nem sempre pelo lado altruísta, ético e moral. Há tempos em que os desvios parecem crescer alcançando um patamar intolerável. É o caso da corrupção, tão presente, comentada e denunciada.

O que é, afinal, corrupção? Qual sua origem? Como enfrentá-la e de que modo mantê-la sob controle ou extingui-la? Segundo o dicionário de política (Bobbio, 1986), o termo corrupção "designa o fenômeno pelo qual um funcionário público é levado a agir de modo diverso dos padrões normativos do sistema, favorecendo interesses particulares em troca de recompensa".

A corrupção é classificada em três tipologias: a) "a prática de peita ou uso da recompensa escondida para mudar a seu favor o sentir de um funcionário público; b) o nepotismo, ou concessão de empregos ou contratos públicos baseada não no mérito, mas nas relações de parentela; o peculato por desvio ou apropriação e destinação de fundos públicos ao uso privado" (idem, BOBBIO).

Nesta linha de raciocínio, a corrupção não decorre de uma questão de moralidade, mas de legalidade, uma vez que, por exemplo, numa empresa privada o diretor pode chamar para um cargo de chefia seu filho, mesmo que não apresente qualificação específica. Já, isto não pode ser feito na esfera pública.

Neste ponto temos um conflito entre o legal e o moral. Vejamos a declaração do ex-ministro José Dirceu: "A experiência do PT em 2006 e 2008 mostrou que a população sabe distinguir caixa 2 de corrupção". Tanto uma prática quanto a outra são ilegais. Mas, a manifestação sugere que num dos casos não houve ilegalidade ou imoralidade. Ou que uma prática tenha gravidade diferente da outra. Sim, isto é verdadeiro na medida em que a lei trata, penaliza de modo diferente as duas práticas.

Torna-se imperativo verificar a relação entre legalidade e imoralidade. São duas condutas com interface, mas bem distintas. A primeira se refere ao regramento das relações sociais, políticas, econômicas, etc. A segunda dá-se em dois planos: a moral individual e a social. A moral individual é aquela que garante a integridade da pessoa. Por sua natureza é sempre boa, válida. E a moral social constitui o comportamento esperado do indivíduo no grupo social. Na sociedade, a moral se caracteriza por certa artificialidade, na medida que representa a soma de muitas opiniões e interesses, nem sempre convergentes com a natureza da pessoa. Por isso, pode-se falar em duas morais: a do indivíduo e da sociedade. Quer dizer, o comportamento dos indivíduos, dos funcionários públicos, dos políticos é julgado pelo tanto que agem em conformidade com os valores sociais, pela moral social, podendo coincidir ou não com a lei.

Assim, é perspicaz a interpretação do ex-ministro, pois aos olhos da sociedade a corrupção é imoral e o caixa 2, do qual pouco sabe, não. Eis a pretensa atenuante. Em sentido lato (amplo) a corrupção poderia ser entendida como toda forma de agressão à natureza humana. Começa quando o indivíduo corrompe sua própria consciência. Neste sentido, o primeiro ato de corrupção pode ter sido o 'pecado original' descrito nos textos bíblicos, em que Adão e Eva aceitaram comer do fruto proibido, sendo expulsos do paraíso. Desde então os relatos são intermináveis e os desvios crescentes.

O enfrentamento da corrupção requer evolução cultural e recuperação dos valores fundamentais do ser humano. O exemplo está nos países nórdicos que se encontram entre aqueles com os menores índices de corrupção no mundo. A Educação, a formação humana está na base deste resultado. Por certo que a construção de leis claras e de mecanismos de punição corroboram para a diminuição ou contenção da corrupção. Mas, como se pode observar, nem mesmo a pena de morte elimina totalmente a transgressão humana. Uma nova atitude das pessoas produzirá um novo comportamento social e, assim, tanto a corrupção quanto outras mazelas sofrerão o justo combate.

(*) Professor, Executivo, Ex-vice-governador. Executivo

JORNAL FLORESTA

O Jornal Floresta é uma publicação da PRCom Comunicação e Marketing

Rua Ernesto Alves, 333 conj. 201 Floresta CEP 90220-190 - Porto Alegre/RS / E-mail: jornalfloresta@jornalfloresta.com.br

Editor: Paulo Tomasini (Mtb 6930/RS) Comercial: Alberto Baseggio / Colaboradores: David Signoreli, Michele Sponchiado, Vicente Bogo,

Rodrigo Cardia e Erica Brandt / Editoração Eletrônica: Gabinete de Comunicação Integrada /

Tiragem: 10 mil exemplares / Impressão: Correio do Povo / Editor: (51) 9258-2662 / Redação e Comercialização: (51) 3225-4164

Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores.

Jornal filiado à
Associação dos Jornais
de Bairro e Segmentados de
Porto Alegre.

rede
jornal
Porto Alegre/RS